

O percurso de uma artista

No aniversário do nascimento de São Josemaria (9 de janeiro de 1902), Ina Reyes-de Vera reflete sobre como as coisas materiais comuns e a vida quotidiana de uma mãe podem ser transformadas em obras de arte.

08/01/2024

No jardim de infância, fiquei entusiasmada com as possibilidades das caixas vazias. Com fita adesiva e marcadores, transformavam-se em

casas, carros, robôs, cidades. Posso dizer facilmente que a minha viagem artística começou aos 5 anos, quando eu tinha total autonomia sobre um rolo de fita adesiva. A ideia de poder criar algo da sua própria imaginação a partir de coisas comuns era excitante e, de certa forma, instintiva para crianças pequenas.

Posso também dizer que esta viagem não foi feita deliberadamente.

Quando eu era criança, a minha mãe, que era banqueira, pintava ao fim de semana e, portanto, tive acesso a um fornecimento ilimitado de papel e tinta e, ocasionalmente, a ateliês de arte no verão que continuaram a alimentar o meu interesse. Na época, parecia algo para fazer ao sábado, caso não tivesse interesse em transpirar numa partida de ténis ou desfrutar de aulas de ballet. Estava simplesmente lá. Uma opção.

O que eu criava refletia qualquer estado de espírito ou influência que me rodeava na época. Cenas de um jardim, dos meus animais de estimação, da família, de uma visita ao jardim zoológico...: momentos do quotidiano retratados alegremente com cores e formas flutuantes, como se uma imagem pudesse ter influência sobre quaisquer dificuldades presentes na vida real. No ensino secundário, com a liberdade para pintar o que quisesse para lidar com a mais sombria angústia adolescente, ainda me saí com uma vaca amarela, retratos dos meus melhores amigos e um mural do portão para o paraíso com azulejos retro. O tema comum de todo o meu trabalho, quando não estava a decidir conscientemente sobre tal, e mesmo agora, quando estou, é a alegria. Precisava de a captar com cores e, eventualmente, partilhá-la com alguém de quem gostasse.

Portanto, mesmo quando essa viagem se desorientava, estagnava e eventualmente era abandonada ao longo da escolaridade, da profissão docente e da formação de uma família cada vez maior e mais agitada de cinco filhos e uma filha, a arte foi algo a que regressei e utilizei como meio para ensinar, decorar e entreter.

Então chegou o dia em que tive que terminar a minha carreira de 20 anos como professora e concentrar-me em criar as cinco crianças que ficaram em casa connosco. O meu dia era repleto de pequenas coisas comuns: preparar o pequeno-almoço, levar os pequenos à escola, fazer compras, participar em reuniões de pais, eventos desportivos e quaisquer interesses variados que os meus filhos tivessem. Pela primeira vez, ser mãe tornou-se o meu trabalho a tempo inteiro. Seria justo dizer que a vida, na sua simplicidade, se

complicou para mim, pois fui treinada para falar uma linguagem diferente de trabalho. Tive de aprender a ficar onde estava, a prestar atenção aos seis filhos da minha vida, a encontrar significado no trabalho físico diário que tinha pela frente, a navegar no trabalho emocional que o acompanhava e a encontrar novas maneiras de desfrutar dos nossos papéis parentais.

São Josemaria dizia: «Insisto: na simplicidade da tua atividade corrente, nos pormenores monótonos de cada dia, é que hás de descobrir o segredo (para tantos escondido!) da grandeza e da novidade – o Amor» (*Sulco*, n. 489)

Acontece que não precisei de alterar o trabalho que já estava a fazer. Simplesmente tive que fazer cada pequena coisa com o amor e o entusiasmo que se tem quando se

prepara algo para alguém que se ama. Não me faltavam objetivos: tinha 6 filhos e um marido incrível para servir. Não facilmente, mas com o tempo, oração, muita direção espiritual, algum trabalho de pesquisa e toda uma comunidade orientadora de outros pais, as tarefas diárias tornaram-se algo que planeava resolutamente, como um plano de aula. Tarefas como cozinhar, cuidar do jardim e dispor a casa de acordo com as diversas estações e celebrações tornaram-se atividades completas com as crianças. Isto polvilhado com aulas de matemática, alfabetização e ciências incorporadas no quotidiano, mas acima de tudo, com uma expressão de profunda gratidão pelas coisas aparentemente mundanas das quais participamos diariamente. Estou encantada! Às vezes é um pouco mais do que a nossa disposição aguenta, mas ainda assim! Há aquela alegria de novo, do

género da que inspirou a pintura das vacas amarelas e um jardim de arco-íris e flores.

Se aos 5 anos conseguia instinctivamente pegar numa caixa comum e transformá-la em algo divertido ou até bonito com um rolo de fita adesiva, hoje recuperei esse mesmo instinto. As tarefas comuns do dia a dia, quando iluminadas pela direção do Espírito Santo, transformam-se em algo divertido e bonito.

Não sei que arte mostrar para ilustrar este artigo. Porque está nas nossas “paisagens de mesa” na forma como damos um tema à decoração da nossa mesa de jantar, está na arte de cada um dos nossos filhos a quem é permitido afixar em todas as paredes de casa, nas flores e sementes colhidas depois de um passeio pela natureza que foi pintado e montado sobre um presépio no meio da nossa

mesa do Advento, no cartão *pop-up* que todos eles fizeram para mim e para o meu marido no nosso 25.º aniversário de casamento. A arte que pensei ser a minha viagem pessoal foi compartilhada e engrandecida por seis crianças.

Tudo o mais que fiz, colocando em primeiro lugar esse papel de mãe e esposa, pode ser encontrado em [@inacolorfulworld](https://www.instagram.com/inacolorfulworld) no *Instagram*. Eu tinha uma mensagem quando comecei esta conta em 2020: criar e compartilhar arte alegre que celebra as coisas comuns do dia a dia.

Com certeza saiu diretamente do manual de São Josemaria.

A arte que crio agora ainda usa cores e símbolos brilhantes e divertidos das infâncias que me inspiram todos os dias, e uma devoção à maravilhosa Mãe à qual vou buscar tanta inspiração. É no exemplo cintilante da nossa Santa Mãe que

encontro a motivação para realizar pequenas tarefas como se fossem grandes gestos. Toda a sua vida como mãe e esposa, mesmo que muitos anos pareçam ocultos, é tão facilmente acessível quando nos deparamos com os filhos e as tarefas diárias. Sempre que peço a sua ajuda, ela vem com uma abundância de profundidade e amor, e não podemos deixar de nos sentir gratos, e até mesmo impelidos a celebrá-la com pinceladas coloridas numa tela.

A criação de imagens alegres de Nossa Senhora e da Sagrada Família que eu oferecia a familiares e amigos começou como um projeto pessoal em 2016. Isto levou a pedidos e eventuais encomendas de outras pessoas. A série Mariana lançada com sucesso por uma querida amiga do grupo do círculo do Opus Dei para o seu projeto de angariação de fundos deu origem a uma segunda série Mariana celebrando os 500

anos do catolicismo nas Filipinas, uma série de São José para o Ano de São José e outras colaborações com o *Tahilan Study Center*. Pode parecer muito, mas a realidade é que enquanto pinto com gosto estas imagens por um breve período de tempo, dezenas de outras pessoas assumiram o árduo trabalho de impressão, distribuição e utilização dos fundos angariados para algo ainda maior. Este trabalho espalhou-se como um fogo de amor de forma que não consigo descrever completamente.

Durante a pandemia, quando tudo parecia tão triste, foi solicitado um número constante de encomendas e reimpressões por novos conhecidos que, por uma razão ou outra, precisavam destas imagens nas suas casas. A alegria com que estas obras são criadas e recebidas enche-me simultaneamente de orgulho e humildade. É um apostolado

imprevisto, que desde então honrei como uma pequena forma de participar na obra. É um privilégio continuar este trabalho cheio de intento e alegria nos anos vindouros.

Para as colegas mães-artistas, aqui está algo de São Josemaria que nos podemos lembrar de viver nestes tempos incertos: «Tarefa do cristão: afogar o mal em abundância de bem. Nada de fazer campanhas negativas, nem de ser anti-nada. Pelo contrário: viver de afirmação, cheios de otimismo, com juventude, alegria e paz» (*Sulco*, n. 864).

Ina Reyes-de Vera
